



Ádyla Maciel

Andar de
Passarinho



Copyright © by Ádyla Maciel 2017

Todos os direitos reservados

Editor

Marcus Polo Rocha Duarte

Autora

Ádyla Maciel

Revisão

Rodrigo Santana

Diagramação

Marcus Polo Rocha Duarte

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP/Brasil

Maciel, Ádyla.

Andar de passarinho /Ádyla Maciel. – Brasília :
Verbis Editora, 2016.

72 p.

ISBN: 978-85-62781-27-8

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Política. I. Título.

CDD B869.1

CDU 82.1

Impresso no Brasil

Nas folhas e flores do cemitério
Vejo uma esperança
Esperando a última morte.

Sumário

Prefácio, 9

Andar de passarinho, 13

Indiretas já!, 14

Pulsar, 18

Só a poesia é imortal, 20

Cerrado brasileiro, 21

Ideologia do amor, 23

Salve, Jorge!, 24

Caroços sem títulos, 26

Milk Mágica, 27

Put a keep are you Kant, 28

Pingente, 29

Misericórdia!, 30

Abstrato, 32

Jazz, 34

Quando amar não era palermice, 35

Olhar cinzento, 37
Papai Noel é poeta, 39
Meu interior, 41
Borboletinha, 43
Massagem de Zeta, 44
Vaso sanitário, 46
Arquitetura colonial, 47
Estações, 50
Girândola, 52
Chuva de ratos, 54
Anal-Fé-batismo, 56
Menininha órfã, 57
Durmo com os críticos, 58
Esp-herança, 59
Magnanimidade, 61
Canção de amor à Pátria, 62
Muquifo, 64
Mil motivos para viver 65

Biografia da autora, 71

Prefácio

Podemos chamar alguém de poeta sem conhecer sua poesia?

Ádyla Maciel é poeta? Dá pra afirmar apenas olhando pra ela, sem ter lido sua obra? Existe um modo especial de Ser que caracteriza se alguém é Poeta?

Os poetas Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade acreditavam que sim.

Quintana montou seu cavalo em Porto Alegre e engrossou a marcha dos militares que saíram do Rio Grande do Sul para tomar o poder no Rio de Janeiro, liderados por Getúlio Vargas. Lá, Quintana conheceu Cecília Meireles.

Os historiadores chamam este capítulo da História do Brasil de Revolução de 1930.

Com esta “revolução” houve a tomada armada de poder, no qual Vargas ficou por 15 anos, oito dos quais como ditador do Estado Novo (1937-45).

Devo dizer, contrariando Fernando Pessoa: toda ditadura é abominável. A eleição presidencial de 1930 foi a décima-segunda eleição presidencial e a décima-primeira eleição presidencial direta no Brasil. Feita em 1º de março



nos vinte Estados da época e no Distrito Federal (sede no Rio de Janeiro), o veredito das urnas foi divulgado em 21 de maio.

Foi a última eleição da República Velha (1889-1930). Júlio Prestes foi eleito, derrotando Getúlio Vargas, mas não tomou posse: os revoltosos denunciaram fraude nas eleições, praticada por quase todos os partidos envolvidos, e tomaram o poder com a força das armas.

Lembro isto por causa da Ádyla Maciel, ao levar-me a pensar em Quintana, que me transpôs a pensar em Drummond. No Rio, órfão social da Revolução de 30, Quintana não pediu emprego ao Getúlio vitorioso: procurou Cecília Meireles, então um nome de projeção nacional, que o apresentou alguns amigos e conseguiu trabalho temporário para o poeta gaúcho sobreviver na “Cidade Maravilhosa”.

Diante de tanta beleza e solidariedade, Quintana dizia, Cecília Meireles personifica a figura humana do Poeta. Drummond discordou. Para ele tal personificação não era Cecília, mas sim Vinicius de Moraes. Na visão drummondiana, Vinicius personificava o arquétipo do Poeta.

Lembro isto pra responder a pergunta inicial: Ádyla Maciel, pelo menos em duas gerações após a geração dela, protagoniza a humanização do Poeta, não apenas pela beleza do DNA feminino, mas também pela postura humana, social, cultural e filosófica.

Pela Poesia mesma, este Andar de passarinho confirma o que acabei de dizer.

Neste livro de estreia a Poesia se realiza com Ádyla Maciel, escolhida pela Poesia desde a pré-adolescência. E o resultado é uma dicção poética brasileira e universal.

